



MOVIMENTO, MUDANÇA, MODERNIDADE E UNIVERSIDADE:

breve retrospectiva

Katia Souza Silva*

Rosiane Siqueira**

Roberto Alves de Arruda***

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de apresentar, aspectos do movimento e da mudança, na modernidade e da Universidade. Procura-se pensar, através deste trabalho sobre a transição do chamado período pré-moderno para o moderno, marcada por profundas transformações. O papel da Universidade também passou por transformações, menos isolada, menos seletiva e um pouco mais envolvida com os acontecimentos na época, contexto bem diferente do percebido na pré-modernidade. O artigo também contempla os tempos atuais e as marcas da modernidade em nossa atual configuração e realidade, através das pontuações de Marilene Chauí.

Palavras-chave: Movimento. Mudanças. Universidade. Modernidade.

1 INTRODUÇÃO

Através das contribuições de Autores como Giovanni Semeraro (2011) e Santos Filho (2000) entre outros, a intenção deste artigo é articular e apresentar alguns aspectos das mudanças, do movimento, da modernidade e da Universidade, ainda que seja uma breve retrospectiva.

* Pós-graduanda no Curso de Especialização **Docência no Ensino Superior** pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

** Acadêmica de Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Sinop). Pós-graduanda em Língua Portuguesa e Literaturas pela UNEMAT/Sinop. Pós-graduanda no Curso de Especialização **Docência no Ensino Superior** pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

*** Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Trabalho, Educação e Práticas Sociais (GEPTEPS). Concursado na área de Metodologia de Ensino no Departamento de Pedagogia do Campus Universitário de Sinop, UNEMAT.

Sabe-se da importância de pensar em Universidade, considerando o percurso histórico pela qual ela passou. Também pensar em Universidade considerando seus desafios diante das mudanças que aconteceram e vem acontecendo no mundo.

De acordo com Shinn (2008),

A modernidade anunciou o fim do sagrado que marcava a pré-modernidade [...] incorpora duas tradições que em certa medida, reforçam-se reciprocamente a corrente emancipatória, e a corrente tecnológica [...] O componente emancipatório da modernização foi encarnado no estado-ação, o qual introduziu princípios de cidadania, dever, burocracia, direitos e responsabilidades institucionais.

Ou seja, houve muitas mudanças no contexto social as muitas descobertas da época, como a bússola, a pólvora e a imprensa que contribuíram para a transformação do mundo europeu. “As capacidades humanas foram enaltecidas” (SEMEARO, 2012 p. 13). O mesmo autor também menciona o surgimento da liberdade do indivíduo, impelidos para desenvolver o espírito de iniciativa, ou seja, ele explica que as transformações da época influenciaram a maneira de pensar das pessoas. Cita-se também a ciência moderna, que segundo o autor, trouxe um grande avanço para a humanidade, “pois se defendia e, permanece-se, que não existia verdades definitivas, mas que, é válido proceder por hipóteses, provas, experimentação” (SEMEARO, 2010, p.12).

2 FIM DE UM TEMPO E A INDICAÇÃO PARA O INÍCIO DE UM NOVO CICLO

Por que moderno? É uma pergunta que o autor Giovanni Semeraro (2010) utiliza para iniciar uma discussão sobre um mundo que se revoluciona. Um conhecimento que também possibilita o entendimento na história de um mundo construído na Europa e as transformações pelas quais ela passou. “Entre falência e descobertas muita coisa mudou”, afirma o autor.

De acordo com Semeraro (2010, p.30) “Entre os séculos XV e XVI o mundo construído na Europa ao longo da idade média entra em crise”. Sabe-se que as características mais marcantes deste período, tanto na alta idade média (séc. V ao X) quanto na baixa idade média (séc. XI e XV) são o despovoamento das cidades e ruralização da sociedade, o surgimento de vilas, decadência do comércio e da indústria, e também o crescimento do domínio político da aristocracia. Sociedade com pouca mobilidade, fragmentação de poder. Pontua-se também o modo de produção feudal, uma produção agrária auto-suficiente, opondo-se ao comércio em decadência. (COTRIM 1998, p.101). Ou seja, em se tratando de pré-modernidade conforme descreve Santos Filho (2000), tem-se um período com características dominantes, no aspecto teológico, a religião estava presente na vida pública das

peças. Nesse momento da história medieval, o mesmo autor contribui dizendo que o papel da Universidade ficou limitado. Mesmo depois da entrada da modernidade a estrutura medieval arcaica permaneceu por quase meio século como transmissora de conhecimento pronto. O autor completa:

Além a faculdade de artes, a universidade medieval tinha três faculdades profissionais e superiores. Concluído o curso das artes liberais o estudante podia ingressar numa das faculdades profissionais de Medicina, Direito ou Teologia. Temos aí o embrião dos atuais cursos de graduação e pós graduação. A Universidade Medieval por meio destas carreiras ou cursos profissionais, já procurava responder as necessidades sociais de seu tempo. [...] ingresso numa destas faculdades só era permitido após a conclusão do curso das artes liberais. (SANTOS FILHO, 2000, p. 20).

O mesmo autor (2010, p.11) pontua que o paradigma moderno desenvolve-se no ocidente a partir do século XVIII, foi um momento de transição da história medieval para uma história moderna ele ainda explica que uma sucessão de descobertas científicas e de transformações econômicas suplanta não apenas a concepção feudal, como também o grande sistema unificado e controlado por longos séculos pelo império romano e pela igreja católica que desabam.

O autor explica que o desenvolvimento das ciências e de novas tecnologias impulsiona enormemente a produção, a navegação e a expansão do comércio para novas terras, promovendo um acúmulo extraordinário de riquezas. Ele ressalta também as profundas mudanças na política, nas artes, na cultura, nos costumes, na filosofia e na religião assumem um ritmo crescente deixando bem claro que na Europa havia chegado ao fim uma época e sinalizando para o início de um novo ciclo histórico.

Mas se estamos tratando de um novo tempo também estamos falando de um novo homem, que Semeraro (2010 p. 12), pontua ter sido um homem que passava a valorizar movimento, a mudança, e experimentação e a audácia para novos empreendimentos.

Enfatiza o autor:

[...] Os homens perceberam que não era suficiente se valer dos conhecimentos do passado, reproduzir modelos estabelecidos e ser fiéis à tradição. Era necessário, acima de tudo confiar na própria razão, recriar continuamente as próprias condições de vida, aprender a dominar a natureza e organizar-se em sociedade com base em um contrato livre, voluntário e comum. (SEMERARO 2010, p.15).

Em seu texto o Giovanni Semeraro (2010, p. 5) menciona a afirmação do artista inglês Francis Bacon (1561-1626) onde ele acreditava que a “ciência é poder”, é a capacidade de domínio da natureza. Ele pontua que a ciência moderna não se dirigia ao mundo para

contemplá-lo, mas para investigar suas partes, reproduzir e prever seus movimentos, de modo a interferir em seu curso, tudo isso é claro longe da metafísica e da religião

3 UNIVERSIDADE NA MODERNIDADE: assimilando e incorporando grandes transformações

José Camilo dos Santos Filho (2000 p. 21-22) explica a trajetória da Universidade na modernidade, onde só a partir do século XIX, é que a Universidade passava a incorporar e a assimilar as transformações que aconteciam por fora de seus muros. Ele menciona:

Isolada em sua torre de marfim, havia perdido toda a sua importância e relevância para o novo momento histórico do ocidente. Em vista disto, chegou até mesmo a ser abolida como ocorreu na França pós-revolucionária. Por outro lado, a influência do Iluminismo Francês e da própria revolução Francesa vai ser decisiva na segunda transformação ou revolução da Universidade, que inicia na Alemanha na primeira década do século passado.

O mesmo autor menciona a obra de Mike Featherston (2005, p.33), que ressalta:

[...] desde a era clássica quando a universidade tinha a função básica de guardião e transmissora do conhecimento estabelecido pela pequena parcela de jovens privilegiados passando pelo século XIX assumindo a dupla função de reprodução e produção do conhecimento e das elites.

O autor Franklin Leopoldo e Silva (2005) diz que a dificuldade dos ideólogos do sistema universitário de então era de “delimitar e definir dentro de certos parâmetros e de acordo com a precisão possível, uma atividade que dependia tanto da total abertura de horizontes quanto de uma especialização que a qualificasse e determinasse o seu alcance e o seu valor”.

Entende-se que a articulação necessária para as mudanças estavam no tornar ajustada a ampliação da liberdade de pensar com certo ordenamento de caráter político, jurídico, político, explica o mesmo autor.

Atualmente, os estudiosos reconhecem que o que caracterizou a Universidade como ‘moderna’ foi a associação entre o ensino, a pesquisa e a extensão. A Universidade Moderna deve estar voltada para a formação através da pesquisa, que ela deve priorizar a unidade entre o ensino e a pesquisa, a interdisciplinaridade, a autonomia e a liberdade da administração, a autonomia entre o Estado e a Universidade e, a complementaridade do ensino médio com o universitário.

As instituições universitárias da modernidade foram classificadas em duas correntes:

as idealistas e as funcionalistas. Na concepção idealista, “A educação está voltada para o desenvolvimento do intelecto, na unidade do ensino e da pesquisa com um corpo docente criador e um corpo discente integrado a este; na liberdade acadêmica para que a pesquisa seja a busca da verdade.” (PEREIRA 2009, p. 4).

Já para a corrente funcionalista, a universidade deve voltar-se para as necessidades sociais, “com a função de servir a nação e a finalidade de ser de utilidade coletiva, sociopolítica e socioeconômica” (PEREIRA, 2009, p.4). Sendo assim, a universidade é destinada apenas a formação profissional e política, sem nenhuma autonomia, vinculada a poderes externos, como: políticos, econômicos, religiosos.

Pereira também afirma que as universidades brasileiras, em sua grande maioria, não vincula o ensino com a pesquisa e as que vinculam, enfrentam dificuldades com a falta de verbas e com o corpo docente pouco envolvido com as pesquisas. A maioria não é “uma universidade de ensino e pesquisa (2009, p.6) Isso revela a autonomia das Universidades Brasileiras está presente apenas em textos de leis e em discursos legais, porque em sua organização financeira, administrativa, curricular, está centralizada nas instâncias governamentais.

O estabelecimento do vínculo entre ensino e pesquisa não é o único problema que as Universidades Brasileiras enfrentam. De acordo com Chauí, (2001), mesmo sendo a universidade parte integrante e constitutiva de uma sociedade democrática, ela tem aceitado a destruição do ensino público de primeiro e segundo graus, a privatização deste ensino e o aumento da desigualdade educacional, além reforçar e priorizar o privilégio colocando o ensino superior público a serviço das classes e grupos mais abastados, ou seja, daqueles que são formados na rede privada no primeiro e segundo graus e não é só isso, Chauí esclarece que o corpo docente tende a imitar os procedimentos de organização e luta dos trabalhadores industriais, assumindo a organização e as lutas corporativas por empregos, cargos e salários, deixando de lado as questões relativas às docências e à pesquisa. E quanto aos estudantes, estes mesmos sabendo disso, acabam aceitando a separação entre docência e pesquisa e vendo os títulos universitários como graus hierárquicos de separação entre graduação e pós-graduação, em lugar de pensá-las integralmente.

Os estudantes universitários são submetidos às decisões das direções universitárias de reduzir a graduação a um:

[...] número absurdo de horas aula, ao desconhecimento, por parte de estudantes e docentes de língua estrangeira, miséria bibliográfica, ausência de trabalhos de laboratórios e de pequenas pesquisas de campo etc., isto é, a redução da graduação a um segundo grau avançado para a formação rápida (CHAUÍ, 2001, p. 38).

O fato é que estes alunos enxergam a pós-graduação como sendo a verdadeira formação universitária e como um funil seletivo muito útil para o mercado de trabalho.

As universidades da Modernidade apresentam traços que reforçam os aspectos autoritários da sociedade brasileira. Percebe-se que nelas é o tempo todo reforçado o privilégio devido à falta do princípio democrático da igualdade e da justiça.

Outros princípios constitucionais também são feridos pelas universidades da modernidade como, por exemplo, o princípio da liberdade, devido a falta de autonomia docente que é por sua vez, “dividido hierarquicamente em professores e pesquisadores” (CHAUI, 2001, p. 41).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discussões sobre esse assunto podem contribuir para a construção do conhecimento sobre a universidade e modernidade diante de muito movimento, logo de muitas mudanças.

Um mundo que saiu do domínio da Igreja Católica e dos senhores feudais, e passa a crer no progresso da sociedade, passa a exaltar o indivíduo. A força ganha pelas descobertas científica contribuem para mudam um cenário inteiro. Se concordar que a Universidade esteve subordinada as Igrejas depois ao Estado e atualmente ao mercado, dependemos dessas reflexões para pensar melhor em Universidade e em seu papel. Todavia, um novo paradigma apresenta-se nesse cenário: o indivíduo que se movimenta independente das relações e movimentos sociais.

MOVIMIENTO, CAMBIOS, MODERNIDAD Y UNIVERSIDAD:

breve revisión

RESUMEN¹

El presente artículo tiene el objetivo de presentar aspectos de movimiento y de cambios en la modernidad y de la Universidad. Se busca pensar a través de un trabajo sobre transición del llamado tiempo ‘pre- moderno’ para el ‘moderno’ marcado por muchos cambios. El papel de la Universidad también pasó por transformaciones , menos aislados,

¹ Tradução realizada por Maria de Lourdes Alves Bedendi (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

menos selectiva y un poco más evolucionada con hechos en época, contexto bien diferente del notado pre moderno .El artículo también se contempla en tiempos actuales y las marcas de la modernidad en nuestra actual configuración y realidad a través de puntuaciones del autor Marilene Chauí

Palavras clave: Movimento. Cambios .Universidad. Modernidad.

REFERÊNCIAS

CHAUI, Marilena de Souza. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Unesp, 2001.

COTRIM, Gilberto. **História Global**. Ed. 3. São Paulo: Saraiva, 1998.

SANTOS FILHO, Camilo José; MORAES, Silvia E., (Org.). **Escola e Universidade na pós-modernidade**. Campinas: Mercado de letras: Fapesp, 2000.

PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. **A Universidade da Modernidade**. São Paulo, v.14, n.1, p.29-52, mar. 2009.

SHIM, Terry. **Desencantamento da modernidade e da pós modernidade: diferenciação, fragmentação e a matriz de entrelaçamento**. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s167831662008000100003>>. Acesso em: 01 abr. 2012.

SILVA, Frank Leopoldo. **Universidade: a idéia e a história**. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s010340142006000100013>> Acesso em: 01 abr. 2012.